



Dialogismo, Hibridismo e polifonia em A Hora da Estrela de Clarice Lispector

Livia Maria R. Soares Oliveira

Doutoranda em Letras

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – Campus Pau dos Ferros

E-mail: livia.soares@ifma.edu.br

É professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão / Campus Pedreiras

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6713-5896>

Cristiane Viana da Silva Fronza

Doutoranda em Letras

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – Campus Pau dos Ferros

E-mail: cristianevyanna@yahoo.com.br

É bolsista CAPES.

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9638-5352>

Thaís Lúcia Lemos da Costa

Mestranda em Letras

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – Campus Pau dos Ferros

E-mail: thaisalemosc@hotmail.com

É bolsista CAPES.

 ORCID:

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicidade:

Fluxo contínuo

Volume 4

Número 2

Recebido em: 14/08/19

Aprovado em: 12/10/19

Resumo

O objetivo desse trabalho é analisar a obra A hora da estrela, de Clarice Lispector, à luz das principais teorias de Bakhtin sobre o gênero romanesco para verificar de que modo ele confirma a noção de romance como uma síntese da representação cultural. De acordo com os postulados do autor, o romance vai acumulando formas de visão de mundo cujos olhares e sentidos explicitam o caráter de uma sociedade, de uma época e seu devir, com uma estrutura inacabada, sendo uma combinação de estilos agenciados. Destarte, a partir dos conceitos cognominados dialogismo e hibridismo analisaremos a confluência de vozes e ideologias presentes nesse romance, à vista disso o que pode ajudar na compreensão do fenômeno literário e linguístico e seus aspectos ideológicos e identitários. O trabalho teve, como aporte teórico Brait (1997), Bakhtin (2003), Magalhães (1994), entre outros.

Palavras-chave: “A hora da estrela”. Dialogismo. Polifonia. Ideologia

1 Considerações preliminares

Mikhail Bakhtin nasceu na cidade de Orel, na Rússia, em 1895 e faleceu próximo a Moscou, em 1975. É interessante ressaltar que ele foi um filósofo que perscrutava sobre a linguagem, a cultura, a filosofia, do mesmo modo que outras áreas das ciências humanas, nessa significação, contribuindo para a revisão de importantes postulados dessas áreas, que repercutem até hoje.

Segundo o autor, o romance engloba, amiúde, diferentes maneiras de ver o mundo, cujos olhares e sentidos pormenorizam o caráter de um corpo social, de uma época e seu devir. Nesse sentido dentre as produções brasileiras que merecem destaque, o romance *A hora da estrela* de Clarice Lispector, representa os dilemas e buscas de uma imigrante nordestina deslocada em um grande centro urbano e de um escritor/narrador no ato da gênese e o processo de escrever. A obra incentiva reflexões acerca dos diversos discursos e vozes que atravessam o sujeito, sua constituição identitária por meio de alegorias que descrevem as relações de poder, as relações de exploração de uma imigrante numa metrópole, além da relação eu/outro por meio de vozes que se entrecruzam.

Nessa prossecução, ao longo dessa análise confrontaremos o caráter dialógico da obra de acordo com os postulados de Bakhtin. Impende ressaltar que verificaremos a tessitura vozes notadamente regidas pela interferência do narrador em diálogo com várias outras vozes sociais tendo como embasamento teórico principalmente os conceitos de dialogismo e hibridismo, nesse caso, para perquirir como eles corroboram a noção de romance como uma súpula da representação cultural.

É válido acrescentar que, presumivelmente, *A hora da estrela* de Clarice Lispector, é uma narrativa entretecida numa interação dialógica que, aparentemente, possibilita que essa saia de uma função exclusivamente representativa e ideológica. Conseqüentemente, a obra clariceana não está resignada a paradigmas, porém aliado a ideias do que seja escrever literatura. Dessa forma, enquanto estudo de cunho bibliográfico, é necessária a leitura crítica de matérias que deem sustentação teórica ao trabalho de interpretação (WELLEK; WARREN, 2003). A perquisição teve, como aporte teórico, Brait (1997), Bakhtin (2003, 1998), Magalhães (1994), entre outros.

2 As contribuições de Bakhtin para os estudos literários

É consabido factualmente que a linguagem é uma arena de possibilidades e tensões. Nessa acepção, incumbe sobressair que essa premissa foi amplamente difundida através dos postulados do Círculo de Bakhtin que foram traduzidos para o português partir da década de 1960 do século XX. Ressalte-se também que essas teorias foram desenvolvidas há mais de setenta anos e revolucionaram várias áreas dos estudos da linguagem, dentre elas a análise do discurso, isso possibilitou a construção de novos olhares sobre as concepções da linguagem e seus elementos

constituintes, permitindo considerar que é através do diálogo que a linguagem surge e acontece.

Nesse seguimento, por essa razão, essas novas ideias propuseram nupérrimas visões sobre a forma romanesca por entenderem que a tessitura dialógica e polifônica no romance podem despertar reflexões sobre a palavra e a natureza híbrida do discurso, já que a língua é viva e está em constante adaptação ao meio, perfazendo uma arena de ideologias e vozes em que os discursos do eu e do outro se entrecruzam. Segundo Pernambuco (2012), Bakhtin assevera que o gênero romanesco não se esgota e não tem fim previsível, uma vez que o inacabamento de sua composição sempre permitirá o surgimento de novas formas e isso lhe garante constante renovação. Tal concepção também é apresentada por Júlia Kristeva, ao conceber dialogismo e intertextualidade como semelhantes. Para a autora, *in verbis*:

[...] uma descoberta que Bakhtin foi o primeiro a introduzir na teoria literária: todo o texto se constrói com mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a noção de intertextualidade, e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla. (KRISTEVA, 2012, P. 147)

De acordo com supramencionado, a autora entende que uma das possibilidades de manifestação do dialogismo são as relações entre um texto e outro texto. Na perspectiva bakhtiniana, as relações dialógicas, antes de serem apenas relações entre textos, são entendidas como relações entre vozes e essas vozes pertencem a sujeitos – sejam estes passíveis de identificação ou não.

Nesse sentido, o dialogismo bakhtiniano designa a escritura simultaneamente como subjetividade e como comunicatividade, ou melhor, como intertextualidade, em face a esse dialogismo, a noção de “pessoa-sujeito da escritura” começa a se esfumazar para ceder lugar a uma outra, a da ambivalência da escritura. O entendimento de Kristeva (2012), assim, é oposto à valorização bakhtiniana da autoria da voz, à valorização de que as relações dialógicas se estabelecem entre vozes pertencentes a determinados sujeitos, já que a voz é expressão da posição do falante individual em uma situação concreta da comunicação discursiva.

A pesquisadora Beth Brait desenvolveu o estudo titulado *Dialogismo e polifonia em Mikhail Bakhtin e o círculo (dez obras fundamentais)*. Nele, a autora elenca as obras do pensador e dos membros do seu grupo. Dentre elas, algumas se dedicam ao gênero romance e seus constituintes.

A obra *Problemas da poética de Dostoiévski* (1963) é dedicada ao gênero romance polifônico dando origem ao conceito de polifonia. Nesse encadeamento, *O discurso no romance* produzido entre 1934-1935 e inserido em *Questões de literatura e de estética - A teoria do romance* (Bakhtin, 1988, p.71-210) recoloca a questão do gênero ao discutir a ligação existente entre língua, gêneros e estilo, nessa acepção, entendendo a linguagem na relação constitutiva entre língua unitária, regida pelas forças centrípetas, e plurilinguismo, conjunto de vozes sociais, de pontos de vista, de

perspectivas axiológicas presentes nas forças descentralizadoras que imprimem vida às várias línguas existentes em cada língua. Para Brait, *ipsis verbis*:

Os estudos literários hoje, no qual Bakhtin, ao falar dos estudos literários “Ao longo de séculos de sua vida, os gêneros (da literatura e do discurso) acumulam formas de visão e assimilação de determinados aspectos do mundo”. Trabalhos de outros membros do Círculo contribuem para a concepção de gênero fundada na ideia de que a linguagem se materializa por meio de enunciados concretos, articulando “interior” e “exterior”, viabilizando a noção de sujeito, histórica e socialmente situado, implicando esferas de produção, circulação, recepção, história, historicidade, aspectos variáveis e invariáveis, como apontam trabalhos de Volochínov e Medviédev. (BRAIT, 2013, p. 47 grifo da autora)

A autora supracitada elenca outras obras que analisam o aspecto polifônico demonstrando que gênero é o conjunto dos modos de orientação coletiva dentro da realidade e concluindo que, por meio do gênero, é possível compreender novos aspectos da realidade, ou, em outras palavras, a realidade do gênero é a realidade social de sua realização no processo da comunicação, diante disso, ligados de forma estreita ao pensar.

Nessa encadeação, por isso, a Literatura enquanto arte reverbera todas as ideologias e é a materialização das ações discursivas e valorativas percebidas na realidade. Ela comunica e constrói novas significações frente à realidade concreta, bem como representa o simulacro das representações culturais vivenciadas interna e externamente pelos sujeitos.

Bakhtin (1998) postula que o gênero romance é a expressão da consciência galileana da linguagem que rejeitou o absolutismo de uma língua só e única. O autor considera as “línguas de verdade” e defende que toda ação humana é voltada para o outro, sendo o discurso humano constituído por um repertório de vozes, as quais estão na raiz da formação histórica de cada um.

Todavia há uma tendência natural delas se desenvolverem de forma plural misturando em seu bojo dialetos e várias ideologias, nesse contexto, adotando estrangeirismos e originando diferentes gêneros linguísticos e entonações. O romance agrega uma multiplicidade de vozes que se transformam em um discurso híbrido acolhendo uma diversidade dialógica e ideológica.

Para Melo (2009), Bakhtin assevera que todo discurso é plurivocal, isto é, perpassado por outras vozes que estão na essência da formação do homem. Dessa forma, pode-se afirmar que a língua concreta em sua essência tem atributo de ser dialógica.

Na concepção de dialogismo aparece a relação eu-tu, em que o sujeito surge por diferentes vozes sociais, transformando-se em sujeito histórico e ideológico. Dessa maneira, o discurso não pode ser estudado apenas através da manifestação da consciência, pois ela não é autônoma e sofre influência da situação social.

Nessa continuidade, levando em consideração que todo discurso concentra várias vozes, as teorias de Bakhtin e demais participantes de seu círculo lançaram

luz sobre o romance como exemplificação de evento linguístico capaz de confirmar os jogos ideológicos e os embates sociais percebidos no discurso. Para o autor, “apenas o contato entre a significação linguística e a realidade concreta, apenas o contato entre a língua e a realidade – que se dá no enunciado – provoca o lampejo da expressividade” (BAKHTIN, 2003, p. 311). Assim, no romance, os pensamentos das personagens, suas falas e o discurso do narrador são representados com base no dialogismo e no plurilinguismo próprio da vida social, além de expressar as tendências evolutivas do homem e da sociedade.

É pertinente asseverar que a linguagem é uma arena de possibilidades e tensões, mencionado precedentemente no início desse estudo, *id est*, o discurso possui estratégias que ocasionam ações e reações, em outros termos, seria essa arena de lutas verbais, concerne destacar que nessa batalha de palavras decorre a pugna de hegemonia ou coalizão, subjugação ou renitência, dado que o discurso seria o espaço em que controvérsias são travadas. Nessa perspectiva, essa premissa amplamente difundida através dos postulados do Círculo de Bakhtin interessa também às análises dos romances contemporâneos.

Hitchcock (2016 p. 188) afirma que o romance é um meio de tornar a história literária acessível a uma análise mais dialógica da forma e um modo discursivo para avaliar as ideologias criticamente. Esse gênero possui uma habilidade desestabilizadora, pois “a descentralização do discurso e acomodação de vozes possibilita a construção de visões sobre a modernidade”. Segundo o autor, o romance ajuda a compreender a cultura através das tensões entre as forças centrífugas e centrípetas e entre a cultura oficial e as culturas marginais e permite a compreensão de si e do mundo ao articular o discurso literário com outras práticas culturais. Bakhtin (1998 p. 426) demonstra a essência do gênero romanesco: sua incompletude “o romance é o presente com seu caráter inacabado [...] marca uma revolução grandiosa na consciência criadora do homem. [...] o romance é a própria plasticidade”

A Literatura, enquanto arte, reverbera todas as ideologias e é a materialização das ações discursivas e valorativas percebidas na realidade. Ela comunica e constrói novas significações frente à realidade concreta e representa o simulacro das configurações culturais vivenciadas interna e externamente pelos sujeitos.

Nessa conjuntura, por essa razão, a linguagem romanesca não apenas representa os discursos sociais, mas os dispõem de maneira a provocar uma reflexão crítica no receptor, uma vez que nenhum discurso é neutro ou imparcial.

3 A palavra e o discurso (res)significados em “A hora da estrela”

Clarice Lispector é sem dúvida um dos nomes mais importantes da literatura brasileira, pois a incontável originalidade e o aparente subversivo percebimento da validade presentes na obra clariceana a tornam sempre dentro da literatura

brasileira. Desde sua estreia, seus romances e contos apresentam questionamentos e indagações sobre a condição humana e sua relação com o outro.

Nesse prosseguimento, é interessante realçar que não é raro encontrar na obra clariceana a interpretação dos símbolos e da linguagem plurissignificativa marcada por ideologias e visões sobre o sujeito e seu lugar no tecido social. O teor irônico e de protesto já inicia a partir do título e perpassa toda a história: “a estrela”, “a rádio relógio”, “a cartomante” apresentando vários trechos da obra que permitem a interpretação e decodificação da mensagem artística, desse modo reiterando o caráter polifônico do romance que se consubstancia pelas misturas de vozes do autor/narrador e das personagens, conforme exemplificado no trecho a seguir:

Como eu irei dizer agora, esta história será o resultado de uma visão gradual – há dois anos e meio venho aos poucos descobrindo os porquês. É a visão da iminência de. De quê? Quem sabe se mais tarde saberei. Como eu estou escrevendo na hora mesma em que sou lido. Só não início pelo fim que justificaria o começo – como a morte parece dizer sobre a vida –por que preciso registrar os fatos antecedentes (LISPECTOR, 1998 p. 12).

Em consonância com o supradito, a sobreposição de vozes do narrador que se reporta com parcialidade ao leitor em tom irônico coloca a linguagem em constante confronto, portanto, misturando narrador, leitor e personagens, recurso que é compartilhado com o leitor através das digressões do narrador Rodrigo SM, nestas palavras: “É que numa rua do Rio de Janeiro peguei um ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma nordestina. [...] também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe (LISPECTOR, 1998 p, 12).

Em unissonância com a citação exteriorizada anteriormente, como Macabéa, figura feminina nordestina, que parece sem rumo e sem referências numa metrópole alheia à sua subalternidade, é construída por vozes outras que confirmam sua aniquilação e inferioridade. Rodrigo SM aparece como porta-voz de toda uma sociedade que nega a existência de pessoas consideradas inferiores e que ganha “forma” através da personagem caricata que representa na verdade várias pessoas marginalizadas e excluídas.

Nesse prisma, presumivelmente, a história não é isso, “é sobre uma inocência pisada, de uma miséria anônima.” (LISPECTOR, 1998, p 13). Em entrevistas sobre a composição dessa obra, Clarice diz que usou como referência para Macabéa a sua própria infância no nordeste brasileiro, além de uma visita a um aterro onde nordestinos se reuniam em São Cristóvão. Ela diz ter sido neste aterro que ela capturou "o ar meio perdido" do nordestino na cidade do Rio de Janeiro. Outra inspiração para a trama do livro foi uma visita que Clarice fez a uma cartomante. Na época, ela imaginou como "seria engraçado se na saída, ela fosse atropelada por um táxi depois de ouvir todas as coisas boas que a cartomante previra.” (GOTLIB, 2009, p. 23)

A narrativa, cheia de digressões vai além da descrição realista de um cotidiano inexpressivo – questiona os valores da sociedade moderna, o papel social do artista contemporâneo e a própria existência humana. *A Hora da Estrela* transita entre o lado trágico e o lado esplêndido da vida, entre a fragilidade e a grandeza do ser humano. O tema da solidão tem a função de dar destaque às desigualdades sociais e ao enigma da vida imprimindo novas perspectivas aos problemas e indagações que nos cercam.

A narrativa é lenta, em consequência das inúmeras digressões do narrador Rodrigo S.M “Descrever me cansa, como é chato lidar com fatos, o cotidiano me aniquila, estou com preguiça de escrever esta história”. (LISPECTOR, 1998, p. 09). Há mistura de notações generalizantes “às vezes só a mentira salva, o sofrimento é sempre um encontro consigo mesmo: sofrer amadurece” (LISPECTOR, 1998, p. 24) com indicações nuas e cruas “Depois que ele desapareceu, eu, para não sofrer, me divertia amando mulher”. (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Há registros íntimos “Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei.” (p. 62) e observações de pertinência social “Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão”. (p. 64)

O hibridismo e pluralidade de vozes, descrito por Bakhtin, são percebidos em toda a extensão do romance e permitem a materialização da tessitura da narrativa e dos vários fios que ela reúne, o que por consequência incentiva uma crítica às ideologias e pensamentos totalitaristas, permitindo ver até em uma mesma fala uma contraposição ideológica: “Essa moça não sabia que ela era assim como um cachorro não sabe que é cachorro, (...) nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável (p. 12)”.

Há vários trechos em que se fazem considerações sobre o papel do escritor brasileiro moderno e a condição indigente da população brasileira: “Antecedentes meus do escrever? Sou um homem que tem mais dinheiro do que os que passam fome, o que faz de mim de algum modo um desonesto. (...) através dessa moça dou o meu grito de horror à vida. A vida que tanto amo.” (LISPECTOR, 1998, p. 28).

São abundantes as reflexões sobre a figura feminina, sua condição social e individual, sua condição humana transcendental, nestes termos:

Teria ela a sensação de que vivia para nada? Nem posso saber, mas acho que não (...). Mas eu que não chego a ser ela, sinto que vivo para nada, (...). Quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que costumava datilografar; ouvia frequentemente a Rádio Relógio, não só para saber as horas, mas para aprender coisas curiosas, que ela achava sempre lindas (LISPECTOR, 1998, p. 47).

Para apensar com a supracitação, a figura feminina Macabéa teve um namorado, Olímpio de Jesus, também nordestino, operário de metalúrgica cujo sonho era ser açougueiro e mais tarde deputado. Acabou abandonando o namoro com Macabéa para ficar com uma amiga dela, Glória, uma carioca, oxigenada, de

família classe média baixa. Sentindo-se infeliz, Macabéa, a conselho de Glória, foi consultar uma cartomante, Madama Carlota, que acertou tudo a respeito de seu passado e predisse coisas maravilhosas em relação ao seu futuro. Ao sair da casa da mulher, Macabéa foi atropelada e acabou morrendo, eis a Hora da estrela, quando um fotógrafo registra sua tragédia, *in verbis*:

E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a — e neste mesmo instante em algum único lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho. Macabéa ao cair ainda teve tempo de ver, antes que o carro fugisse, que já começavam a ser cumpridas as predições de madama Carlota, pois o carro era de alto luxo. Sua queda não era nada, pensou ela, apenas um empurrão. Batera com a cabeça na quina da calçada e ficara caída, a cara mansamente voltada para a sarjeta. E da cabeça um fio de sangue inesperadamente vermelho e rico. O que queria dizer que apesar de tudo ela pertencia a uma resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito. (LISPECTOR, 1998, p. 82)

De acordo com o trecho descrito, é possível analisar que o estilo narrativo da escritora, bem como seu uso particular da linguagem, nesse caso a estrutura sintática, a ambiguidade e as escolhas semânticas, provavelmente, põe em destaque a própria palavra enquanto instrumento mediador entre o sujeito e a realidade circundante, em detrimento do enredo narrativo.

Em conformidade com o supracitado, a partir das metáforas e construções dialógicas é possível analisar a capacidade de expressão da linguagem e ao reconhecer os limites que a palavra impõe ao desejo de conhecimento, autoconhecimento e comunicação com o outro procura transgredir tais limites.

Nesse seguimento, de acordo com Brait (1997, p. 95), o dialogismo, de um lado, pode ser visto como um diálogo perdurável, isso posto, não é sempre harmônico e eufônico, porém esse é vivente entre os dissemelhantes discursos que retratam uma biocenose, uma cultura e um corpo social. Por essa razão, o dialogismo evidencia a interdiscursividade da linguagem. Por outro lado, esse concerne às relações estabelecidas entre o eu e o outro nos processamentos discursivos estabelecidos historicamente pelos indivíduos, que, nesse caso, se institui e são instituídos por esses discursos.

4 O romance como um gênero em transformação

Conforme expomos, as noções de dialogismo e hibridização são interligadas na elaboração que Bakhtin faz do conceito de romance. O romance é dialógico, plurilíngue e híbrido e sua linguagem requer uma expansão e aprofundamento do horizonte linguístico. Desse modo essas três funções são fundamentais, tanto para compreender a confluência de discursos presentes na narrativa, quanto para sua justificativa em privilegiar o romance enquanto reflexo da cultura e da sociedade por excelência.

Por dialogismo, entendem-se as várias interações crítico-paródicas que o Rodrigo S.M, o narrador, estabelece com outros discursos no processo metaliterário que embasa a construção da narrativa. Entre esses discursos, a análise dá especial atenção à paródia que o narrador faz de diferentes formas narrativas e dramáticas, entre as quais se destacam o romance de folhetim, o melodrama, o romance regional, o romance social e o romance psicológico.

O tom dialógico e paródico dominante na obra permite detectar várias vozes sociais que na matéria literária são usadas de forma crítica como denúncia social. No âmbito da carnavalização destaca-se a presença de máscaras ancestrais da arcaica romanesca retomadas e atualizadas por Clarice Lispector, em especial as máscaras do tolo, do bufão e do trapaceiro, esses personagens arquetípicos que, oriundos do solo da cultura popular, teriam importante papel na consolidação do romance como gênero fundamentalmente voltado para a representação/encenação crítica de discursos

O narrador, perpassado por toda sorte de indagações sobre o ser e o existir, atormentado pela incompletude e pela dualidade da natureza humana para as quais as respostas são precárias, converte a busca em sua única certeza. Daí decorrem pelo menos dois movimentos centrais da narrativa: primeiro, como toda busca e toda pergunta são buscas de algo e pergunta para alguém, o narrador, para saber, tem de desdobrar-se, tem de dialogar. Aquilo que, em uma situação comunicativa banal, passa despercebido projeta-se para o narrador como condição essencial do ser: apreender a si mesmo inclui o confronto com o outro.

Ao mesmo tempo, essa projeção traz implícita o retorno para si mesmo, quando se tenta consubstanciar em um único sujeito individual os elementos que estão presentes nos outros seres do Universo. Entre esses dois movimentos, é significativo acentuar que, há uma tensão permanente no interior da obra. O narrador mantém com seu interlocutor (seja ele Deus, o leitor ou Macabéa) uma postura ambivalente de identificação e afastamento: "A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior, e não há uma palavra que a signifique" (LISPECTOR, 1998, p. 09).

Ao anexar esses diferentes discursos, o objetivo do narrador é criar um contraste com seu próprio discurso fazendo dessa tensão objeto de representação estética. Dentre os discursos alheios que são trazidos para o texto destacam-se aqueles retirados da tradição literária e que são colocados implícita ou explicitamente na obra. Como afirma Magalhães (1994 p. 97):

Em ambos os casos, o propósito é o mesmo: desautorizar dessacralizar, ridicularizar o texto que está sob sua superfície. Trata-se de um procedimento paródico, que compreende o emprego irônico do discurso do outro para transmitir intenções que são hostis. (MAGALHÃES, 1994, p. 97)

A teoria de Bakhtin responde aos estudos literários de sua época com a defesa da análise do objeto estético. A forma esteticamente significativa é a expressão de uma relação substancial com o mundo do conhecimento e do ato.

O objeto estético é uma criação que inclui em si o criador: nela o criador se encontra e sente intensamente a sua atividade criativa, ou ao contrário: é a criação tal qual aparece aos olhos do próprio criador, que a cria com amor e liberdade (é verdade que não é uma criação a partir do nada, ela pressupõe a realidade do conhecimento e do ato, que ele apenas transfigura e formaliza). (BAKHTIN, 1998, p.26)

Segundo o exposto, o objeto estético para Bakhtin é uma criação que integra em si o criador, nesse sentido, o romance para o referido autor pode ser considerado como um gênero discursivo plural conforme o estilo, à linguagem e às vozes que nele retinam. Em concordância com a obra objeto de estudo, *A hora da Estrela*, de Clarice Lispector, o provável monologismo, ou seja, uma só voz e essa voz, Clarice Lispector, é um estratagema de injunção a um dialogismo mais profuso.

Quero neste instante falar da nordestina. É o seguinte: ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduziria-se a si. Também eu, de fracasso em fracasso, me reduzi a mim, mas pelo menos quero encontrar o mundo e seu Deus. (LISPECTOR, 1998, p. 32)

Nesse decurso, consoante a supracitação, a obra romanesca objeto de estudo apresenta uma aparente forma monológica e vale ressaltar que esse monologismo leva a autora-criadora a dialogar não com, porém da figura feminina. Nessa perspectiva, é provável observar que ela recorre a um estratagema significativo para produzir uma voz social para falar em seu nome e com ela se conglomerar.

Cabe ressaltar que diante desses pressupostos de Bakhtin, é possível afirmar que a sociedade é constituída pelos sujeitos e ao mesmo tempo constitui os sujeitos, a ideologia precisa da psique para ter sentido e a psique (auto, ego, eu) é afetada pela ideologia e as duas convergem na formação do signo ideológico o qual resulta de avaliações sociais e pessoais do mundo concreto. Assim todo signo é, talvez, *habitat* dos confrontos ideológicos, com índices de valores contraditórios, o que torna o signo vivo, móvel e capaz de evoluir.

5 Considerações finais

Foi analisado nesse trabalho a obra romanesca *A hora da estrela*, de Clarice Lispector à luz das teorias dialógicas de Bakhtin sobre o gênero romanesco. A partir das análises feitas, percebeu-se o discurso literário como síntese da representação cultural e social permitindo visões ideológicas sobre determinados sujeitos e cenários. A partir das várias vozes presentes no romance foi possível constatar a estrutura e

estratificação social de uma época e seu devir, com uma estrutura inacabada, sendo uma combinação de estilos agenciados

Nessa contextura, foi possível observar o efeito dialógico e polifônico produzido pela mistura de vozes e pela inclusão do outro no discurso do narrador e das personagens. Colocado em primeiro plano, o discurso narrativo chama a atenção, antes da história propriamente dita, convidando-nos inicialmente a analisar o narrador “que fala” e identifica em sua enunciação as várias “imagens discursivas” representadas.

Nessa situação, todo signo tem mais de uma face, uma vez que para uns se apresenta como verdade e para outros não. Nada disso se revela naturalmente porque se mostra, normalmente, em crises sociais e movimentos de comoção revolucionária. Segundo Bakhtin, “apenas o contato entre a significação linguística e a realidade concreta, apenas o contato entre a língua e a realidade – que se dá no enunciado – provoca o lampejo da expressividade” (1997, p. 311). É a noção de dialogismo que possibilita apreender o projeto ético de Bakhtin, dado que os sujeitos se constituem necessariamente na relação dialógica com o outro, nesse sentido, a interação se dá em uma realidade concreta que envolve ambiência física, social e horizonte temporal, à vista disso, o signo ao mesmo tempo reflete e refrata a realidade em transformação, por isso, a consciência deve se alargar para entrar em contato com outra, que também está em processo de alargamento.

No romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, é provável observar que o narrador recorre a estilos peculiares de narração, diante disso, a alternância constante na denominação da personagem, *exempli gratia*, moça, nordestina ou datilógrafa, esses termos usados para identificar desde o início do enredo a figura feminina Macabéa, parece ressoar como epítetos arcaicos. Nessa concatenação, é relevante evidenciar, também, as várias intervenções de Rodrigo SM assinalando que a história é banal, está cansando-lhe e que não aguenta mais escrever.

Em resumo, o próprio paradigma mítico da morte e do renascimento, para representar a hora final de Macabéa, e por extensão o narrador conclui que sua morte também pode estar próxima e/ou ainda que a morte parece ser o renascimento. Nesse sentido, em meio a tudo isso, tantos discursos, citando caso análogo, a carnavalização moderna do narrador, supostamente, se mistura à história da personagem ajudando na construção do discurso irônico e plural da narrativa, assim sendo conferindo o caráter inovador do romance, que sem dúvida, é o gênero que ajuda a compreender a cultura em qualquer época. Dessa forma retomamos o pensamento bakhtiniano e dos demais pensadores de seu círculo que reconhecem a palavra enunciada como uma palavra libertadora e capaz de levar os homens à metamorfose.

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (1975). Trad. Bernadini et al. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1998. 439p. (Coleção biblioteca universal).
- BRAIT, B. (org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas, Editora da Unicamp, 2013.
- BRAIT, beth. Dialogismo e polifonia em Mikhail Bakhtin e o círculo (dez obras fundamentais). Disponível em <https://fflch.usp.br/sites/fflch.usp.br/files/2017-11/Bakhtin.pdf> . Acesso em 05/10/2019.
- GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. 6ª ed. São Paulo: EDUSP, 2009.
- HITCHCOCK, P. Romancização ou serialização: ou diferentes formas de tempo *Bakhtiniana Rev. Estud. Discurso* [online]. 2016, vol.11, n.1], p.187-207. Acesso em 18/11/18.
- KRISTEVA, J. (1967). A palavra, o diálogo e o romance. In:_____. (1969). *Introdução à semánalise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. 3. ed. revista e aumentada. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. 23ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.
- MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *A paródia do nacionalismo em Triste fim de Policarpo Quaresma*. In *Revista Expressão*. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 1994, p. 93 a 106.
- MELO, Robson Tavares de. *Uma abordagem dialógica de A Hora da Estrela de Clarice Lispector*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) –Universidade Católica do Pernambuco, Recife, 2009.
- PERNAMBUCO, Juscelino. A Teoria Poética de Bakhtin e a hora da estrela de Clarice Lispector. In *Revista Científica de Letras*. Franca, 2012, p. 135-15.
- WELLEK, René & WARREN, Austin. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Dialogism, hybridism and polyphony in Clarice Lispector's *The time of star*

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicity:

Fluxo contínuo

Volume 4

Number 2

Received in: 14/08/19

Approved in: 12/10/19

Abstract:

This study intends to analyze the fictional work “The time of the star” by Clarice Lispector, in the light of Bakhtin's main theories, in order to verify how he confirms the notion of romance as a synthesis of cultural representation. According to the author's postulates, the novel accumulates forms of worldview whose looks and meanings explain the character of a society, an era and its future, with an unfinished structure, being a combination of styles treated. Thus, from the concepts dialogism, polyphony and hybridism, we will analyze the confluence of voices and ideologies present in this novel which could help in the understanding of the literary and linguistic phenomenon and its ideological and identity aspects. The work had as theoretical contribution, Brait (1997), Bakhtin (2003), Magalhães (1994), among others.

Keyword:

The time of the star. Dialogism. Polyphony. Ideology.